

PRÓLOGO

Muitas foram as vezes em que quis escrever a vida e as andanças de Alexis Zorbás, um velho operário que muito amei.

Os grande benfeitores na minha vida foram as viagens e os sonhos; dos homens, vivos ou mortos, poucos me ajudaram na minha luta. Porém, se quisesse destacar os que mais profundamente me marcaram, indicaria talvez três ou quatro: Homero, Bergson, Nietzsche e Zorbás.

O primeiro foi para mim o olho deslumbrante e sereno — como o disco do Sol — que tudo ilumina com o seu brilho redentor. Bergson libertou-me das angústias filosóficas que atormentaram a minha primeira juventude. Nietzsche enriqueceu-me com novas angústias e ensinou-me a transformar a infelicidade, a amargura, a incerteza em orgulho. E Zorbás ensinou-me a amar a vida e a não temer a morte.

Se tivesse de escolher hoje um guia espiritual no mundo inteiro, um «guru», como lhe chamam na Índia, um «Venerando Pai», como dizem os monges do Monte Athos, escolheria certamente Zorbás.

Porque ele tinha aquilo de que um plumitivo precisa para sobreviver: o olhar primigénio que, de uma flechada, abate a presa em voo; a ingenuidade criativa, renovada cada manhã, de sempre ver tudo como se fosse a primeira vez e conferir virgindade aos eternos elementos quotidianos — vento, mar, luz, mulher, pão; a firmeza de mão, a frescura de coração, a galantaria de se rir da sua própria alma

como se tivesse dentro de si uma força superior à alma e, por fim, o riso selvagem, gutural, que brotava de um poço profundo, mais profundo do que as entranhas humanas, e que explodia — e tudo remia —, nos momentos cruciais, do velho peito de Zorbás e era capaz de demolir — e demolia — todas as barreiras, moral, religião, pátria, que o homem, mísero e timorato, ergueu à sua volta para prosseguir manquejando com segurança pela sua mísera vida fora.

Quando comparo o sustento que durante todos estes anos me deram os livros e os mestres para saciar a minha alma faminta com a mente leonina que Zorbás me ofereceu como alimento em apenas alguns meses, custa-me suportar a raiva e a tristeza. O desencontro condenou a minha vida ao fracasso, porque foi muito tarde que encontrei este «venerando», e o que em mim houvesse que ainda podia ser salvo era insignificante; a grande viragem, a mudança radical de frente de combate, a «destruição pelo fogo» e a «renovação» não se deram. Já era muito tarde. E, assim, Zorbás, em vez de se tornar um modelo de vida elevado, imperativo, degradou-se e acabou por ser, desgraçadamente, matéria literária para encher resmas de papel.

Para muitas almas que se alimentam de carne, o patético privilégio de transformar a vida em arte acaba por conduzir ao desastre, porque a paixão abrasadora foge do peito ao encontrar um escape. A alma alivia-se, já não arde de raiva, já não sente a necessidade de se bater corpo a corpo, de intervir directamente na vida e na acção, antes se compraz em ver como a sua ardente paixão ascende em volutas de fumo e se desvanece no ar.

E não só se compraz como se sente orgulhosa. Acha que está a realizar uma grande obra quando converte o momento insubstituível e efémero — o único que no tempo infinito tem carne e sangue — em pretensa eternidade. E assim foi que Zorbás, tão cheio de carne e osso, degenerou nas minhas mãos em tinta e papel. Havia tempo que, sem querer, ou, na verdade, querendo o contrário, começara a cristalizar-se em mim a fábula de Zorbás. Iniciou-se em mim

a transubstanciação alquímica; uma música agitada ao princípio, uma volúpia e um mal-estar febris, como se me tivesse entrado no sangue um corpo estranho e o organismo lutasse para o dominar e aniquilar, assimilando-o. E então à volta desse núcleo começaram a orbitar palavras, a envolvê-lo e a alimentá-lo como a um embrião. Recordações nebulosas condensavam-se, alegrias e mágoas submersas vinham à superfície, a vida era transposta num ar mais leve, Zorbás tornava-se fábula.

Não sabia ainda que forma havia de dar a essa fábula de Zorbás: romance, poema, intrincado conto fantástico das *Mil e Uma Noites* ou qualquer coisa factual, árida, reproduzindo as conversas que teve comigo numa praia do litoral de Creta, onde vivíamos, onde fazíamos escavações para ver se encontrávamos lenhite. Sabíamos ambos perfeitamente que esse fim prático era apenas uma desculpa para os olhos do vulgo. Era com impaciência que esperávamos que os operários terminassem a sua jorna e o sol se pusesse, para nos deitarmos na praia, comermos a nossa boa comida da aldeia, bebermos o brusco vinho cretense e nos pormos à conversa.

A maior parte das vezes não falava; que podia dizer um «intellectual» a um ogre? Escutava-o e ele falava da sua aldeia no Monte Olimpo, da neve, dos lobos, dos *komitatzides*¹, da Hagia Sophia, da lenhite, da magnesite, das mulheres, de Deus, da Pátria, da morte — e, de repente, quando se emocionava e se lhe atropelavam as palavras, levantava-se de um salto e punha-se a dançar nos duros seixos da praia.

Velho, direito, uma carga de ossos, com a cabeça lançada para trás, os olhos muito redondos e pequenos como os de um pássaro, dançava e gritava, batia com os pés grossos na areia molhada, salpicando-me a cara com água do mar.

¹ Bandos de gregos, macedónios e búlgaros, entre outros, que lutavam em várias regiões dos Balcãs contra os Turcos, no fim do Império Otomano; em aliança com os Búlgaros num certo período, e contra estes, mais tarde. (*Todas as notas são do tradutor.*)

Se tivesse escutado a sua voz — a sua voz, não, o seu grito —, a minha vida teria ganhado valor; teria vivido com sangue, carne e ossos o que agora medito como um fumador de haxixe e realizo com papel e pena.

Mas faltou-me a coragem. Via Zorbás dançar a meio da noite e a relinchar como um cavalo, a berrar-me que me tirasse do conforto da minha concha de sensatez e de rotina e fugisse com ele em grandes viagens. Mas permanecia imóvel, a tremer.

Envergonhei-me muitas vezes da minha vida porque me dei conta de que a alma não ousava cometer o que a suprema loucura — a essência da vida — me pedia que fizesse; mas nunca me envergonhei tanto da minha alma como na presença de Zorbás.

Uma manhã, ao romper do dia, separámo-nos; eu rumei mais uma vez ao estrangeiro, acometido pelo incurável mal fáustico de aprender; ele meteu-se ao caminho para o Norte e estabeleceu-se na Sérvia, numa montanha perto de Escópia, onde, ao que parecia, desenterrara um rico filão de magnesite, atraíra uns ricos, comprara ferramentas, recrutara operários e se pusera mais uma vez a abrir galerias na terra. Dinamitou rochas, abriu estradas, trouxe água, construiu casa, casou-se — velho, sim, mas teso! — com uma bela viúva alegre, Liouba, e teve com ela um filho.

Um dia, em Berlim, recebi um telegrama: ENCONTREI BELÍSSIMA PEDRA VERDE. VEM IMEDIATAMENTE. ZORBÁS.

Era a época da grande fome na Alemanha. O marco desvalorizara-se tanto que para se fazer um pequeno pagamento levavam-se milhões dentro de um saco; e quando íamos ao restaurante para comer, desatávamos o lenço das notas, cheio a abarrotar, e esvaziávamo-lo em cima da mesa para pagar; e vieram dias em que se precisava de dez biliões de marcos para um selo.

Fome, frio, casacos coçados, sapatos rotos, as rubicundas faces alemãs estavam amarelas. Com o vento do Outono, as pessoas caíam na rua como folhas. Às crianças de peito, davam a mascar um troço

de borracha, enganavam-nas para não chorarem. A polícia patrulhava as pontes do rio para impedir que as mães saltassem com os filhos durante a noite e acabassem com tudo.

Era Inverno, nevava. No quarto ao lado, um professor alemão, sinólogo, para se aquecer, pegava no grande pincel e tentava copiar algum poema chinês antigo ou uma máxima confuciana utilizando o complicado método oriental em que a ponta do pincel, o cotovelo levantado no ar e o coração do sábio deviam desenhar um triângulo.

— Ao fim de alguns minutos — dizia-me, satisfeito —, o suor corre das minhas axilas e aqueço-me assim.

Foi nesses dias deletérios que me chegou o telegrama de Zorbás. Ao princípio, irritou-me. Milhões de pessoas são humilhadas e forçadas a ajoelhar-se porque não têm um bocado de pão para reconfortar a alma e os ossos, e chega-te um telegrama a dizer que te apresses e andes mil milhas para veres uma bela pedra verde! «Maldita seja a beleza», disse, «que não tem coração nem quer saber do sofrimento humano.»

Mas, de repente, fiquei apavorado. A fúria tinha passado. Sentia com horror que aquele grito inumano de Zorbás respondia a outro grito inumano dentro de mim — um abutre selvagem dentro de mim abria as asas, pronto a levantar voo.

Mas não parti; mais uma vez, não tive coragem. Não tomei o comboio, não obedeci ao feroz grito divino dentro de mim, não realizei nenhum feito galante e irracional. Segui a prudente, fria voz humana da razão. E peguei na caneta e escrevi a Zorbás, a explicar...

E ele respondeu-me:

Desculpa que te diga, patrão, mas és um reles manga-de-alpaca. Podias ver, desgraçado, uma bela pedra verde ao menos uma vez na vida e não a viste. Palavra de honra, às vezes, quando não tinha trabalho, sentava-me e dizia para mim próprio: «O Inferno — existe ou não existe?» Mas ontem, quando recebi a tua carta, disse: «Para certos escribas como tu, existe, sim, de certeza!»

As recordações puseram-se em movimento, empurrando-se umas às outras, com pressa. Chegou o momento de ordenar tudo, de começar a vida e as andanças de Alexis Zorbás desde o início. Até os acontecimentos mais insignificantes relacionados com ele se iluminam claramente na minha mente neste instante, preciosos, como peixes multicoloridos a saltar nas águas diáfanas do Verão. Nada dele morreu dentro de mim, tudo quanto Zorbás tocou tornou-se imortal e, no entanto, perturba-me nestes dias um certo desassossego repentino: passaram-se dois anos e não tive carta dele, já deve ter passado dos setenta, pode estar em perigo. Sim, seguramente, deve estar em perigo, doutra maneira não saberia explicar a súbita necessidade que se apoderou de mim de recopiar tudo o que lhe diz respeito, de recordar tudo o que me disse e que fizemos, e de o imobilizar no papel para que não desapareça — como se quisesse conjurar a morte, a sua morte. Não é um livro que escrevo, temo, mas uma oração fúnebre.

Tem, vejo-o agora, todas as características da oração fúnebre. A bandeja com o *kóllyba*² copiosamente polvilhado de açúcar e, escrito por cima, com canela e amêndoas, o nome ALEXIS ZORBAS. Vejo o nome e imediatamente o mar azul índigo de Creta se levanta e inunda a minha mente. Palavras, risos, danças, bebedeiras, preocupações, conversas remansosas ao crepúsculo, os olhos muito redondos que se cravavam em mim com um terno desdém, como se em cada instante me dessem as boas-vindas e, ao mesmo tempo, me dissessem adeus para sempre, em cada instante.

E, tal como quando olhamos para a decoração de uma bandeja fúnebre e nos aparecem recordações como cachos de morcegos pendurados na gruta do nosso coração, também a sombra de Zorbás, sem que fizesse por isso, se confundiu desde o primeiro momento com outra sombra muito amada, e atrás desta, inesperadamente,

² Doce ritual de grãos de trigo triturados e cozidos, sementes de romã, frutas secas e mel, oferecido nos funerais ortodoxos.

outra ainda: a de uma mulher decaída de faces mil vezes pintadas, mil vezes beijada, que Zorbás e eu tínhamos conhecido no areal de uma praia de Creta, no mar da Líbia...

O coração humano é sem dúvida um poço tapado cheio de sangue. Se se abre, correm a beber e a reviver as inconsoláveis sombras sedentas que sem cessar se amontoam à nossa volta e escurecem o ar. Correm a beber o sangue do nosso coração, porque sabem que outra ressurreição não existe. E à frente de todas, corre Zorbás com as suas grandes passadas e empurra as outras sombras porque sabe que, hoje, as exéquias são as suas.

*Dêmos-lhe, pois, o nosso sangue, para que reviva. Façamos tudo
quanto pudermos para que viva um pouco mais este
fenomenal comedor, bebedor, fura-vidas, mulherengo
e andarilho. A alma
mais larga, o corpo mais seguro, o grito
mais livre que conheci
na minha vida.*